

A importância do indivíduo e da diversidade nos caminhos da solidariedade

A BAHIA ANÁLISE E DADOS^{*} na ocasião do Fórum Social Mundial/Porto Alegre/2002 entrevistou Marcos Arruda sobre sua trajetória pessoal e aproximação com a proposta de Economia Solidária. Socioeconomista e educador, Marcos Arruda é coordenador geral do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS). É membro do Instituto Transnacional, com sede em Amsterdã, e da equipe internacional de animação do Pólo de Socioeconomia Solidária, da Aliança por um Mundo Responsável e Solidário. Integra a secretaria do Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro e tem publicado extensamente no Brasil e no exterior, oferecendo elementos para a construção de fundamentos mais sólidos a uma nova práxis social.

A&D: Para começar eu queria que você falasse um pouco da sua trajetória pessoal – do que o despertou para os temas sociais e de como suas idéias foram mudando, ao longo do tempo, até chegar, hoje, à proposta de economia solidária.

Marcos Arruda: É uma longa história. Na minha infância eu via, perto da minha casa, em Botafogo, uma favela, a Dona Marta – dali vinham as nossas empregadas. Eu já nasci vendo aquelas pessoas do morro trabalharem na minha casa e nunca me ensinaram que aquilo era injustiça social. A impressão era que aquilo fazia parte de nossa vida. Foi preciso eu chegar à Universidade

para começar a me perguntar porque é que havia gente pobre. Todo o estudo de história era um estudo “empacotado”, como se a sociedade tivesse sido feita automaticamente, definitivamente, do jeito que ela é hoje: nunca teria sido diferente, nunca vai ser diferente. Só quando quando participei das lutas do nosso povo com a Juventude Universitaria Católica (JUC) foi que comecei a me dar conta dessas coisas. Fui além da preocupação com uma fé puramente espiritual, exotérica, no sentido negativo de estar lá fora, lá em cima, desconectada do mundo de cada dia. Fui literalmente sacudido pela realidade brasileira, pelo desafio que era estudar geologia, pelo sentido que tinha a pesquisa e descoberta de minérios e petróleo e por como

colocar tudo isso a serviço da sociedade.

Descobri a realidade das empresas transnacionais, que dão continuidade à colonização do Brasil pelos portugueses e pelos ingleses. E a conjuntura política da época era a da renúncia do Jânio e depois a da crise do Jango, que levou ao golpe militar. Participei disso tudo muito intensamente, enfrentando uma grande crise com minha família, que era conservadora, que não tinha nenhuma consciência social e que tinha uma identidade muito grande com os Estados Unidos.

Minha família era do Rio de Janeiro, de classe média, marcada por uma história de vínculo com o integralismo. Integralismo idealista, não-fascista, mas integralismo. Ligada também a toda

^{*} Entrevista concedida a Débora Nunes, doutora em Urbanismo (Universidade Paris XII), professora e pesquisadora da UNIFACS e da UNEB.

a fala contrária ao nacionalismo, a tudo que era getulismo, populismo e sindicalismo representados por Getúlio Vargas, Jango, General Lott. Então foi preciso um rompimento, o que se deu quando eu tinha entre 18 e 19 anos. Vivi esse rompimento na medida em que tinha um grande desejo de descobrir uma nova ligação da minha fé com a vida histórica, terrena e cotidiana, com a luta do povo para fazer um mundo melhor sem opressão, dominação, injustiça e desigualdade.

A&D: Você vem de um meio católico conservador?

Marcos Arruda: Venho: formação católica conservadora, escola de padres, depois estudei com os jesuítas... Tudo muito fechado, doutrinário. Fiz letras clássicas durante o ano e meio que passei com os jesuítas e, ao sair do seminário, comecei a estudar geologia. Veio então a segunda etapa da minha vida, agora como geólogo. Ao ganhar consciência social, comecei a ter papel de liderança na escola. Primeiro, na turma; depois, como presidente do diretório, e, mais tarde, ajudando a criar a Executiva Nacional dos Estudantes de Geologia e sendo eleito para presidente dessa executiva.

Tudo isso se deu entre 1962 e 1964, ano do golpe militar. Nesse período eu participava da JUC. No mês de fevereiro de 1964, participando do Grupo de Política Mineral, ajudei a organizar um grande encontro em Belo Horizonte, que teve como tema “minério não dá duas safras”. Tivemos a presença de Miguel Arraes, governador

de Pernambuco, e Almino Afonso, Ministro do Trabalho do governo Jango. O grande objetivo era levar adiante, junto com os sindicatos, os políticos e os profissionais de energia, a proposta de uma Minerobrás, uma espécie de Petrobrás dos minérios, para controlar o subsolo brasileiro e colocá-lo a serviço de desenvolvimento do país. Creio que esse foi um dos fatores que motivou o golpe militar, porque ameaçava interesses diretos de algumas empresas americanas que vieram a financiá-lo. Quando houve o golpe, passei algumas semanas escondido, porque o diretor da minha escola – Othon Leonardos – era direitista ferrenho. Depois que vi que não havia perigo, voltei à faculdade e me formei em 1964. Nossa turma, considerada “subversiva” pelo Diretor, não teve direito nem a cerimônia de formatura. Não encontrei trabalho como geólogo no Rio de Janeiro e, já casado, acabei indo para Petrópolis. Passei um ano lá, trabalhando numa área de que gosto muito, a aerofotointerpretação geológica, que envolve o mapeamento de grandes áreas, o estudo de geologia estrutural e a identificação de áreas favoráveis à ocorrência de minérios. Demitido, em razão de problemas financeiros da empresa, tive que procurar outros trabalhos, mas ainda não encontrava nada no Rio de Janeiro, tudo estava fechado para mim. Cheguei a entregar meu currículo ao Departamento Nacional de Produção Mineral, mas um amigo, que já trabalhava ali, terminou por me dizer: “de todos os candidatos você é o mais capacitado, o que tem o currículo

mais completo, mas o americano que chefia o projeto em que você entraria vetou o seu nome”. Isso, porque eu tinha sido dirigente estudantil. Comecei a trabalhar como tradutor para a Editora Vozes e fui fazer alfabetização de jovens e adultos trabalhadores da periferia do Rio. A polícia bateu lá em casa... Fui embora, com minha esposa, para São Paulo e lá continuei fazendo alfabetização de trabalhadores. Dei aulas de geociências, trabalhei um tempo na revista *Realidade*, da Editora Abril, e também dei aulas particulares. Sobrevivemos assim um tempo e, depois que meu casamento terminou, larguei tudo e fui trabalhar como operário em uma empresa, com o objetivo de ajudar os trabalhadores a se educarem e organizarem, a aprenderem a ler, escrever e a ter uma motivação.

A&D: Você tinha um vínculo político nesse período?

Marcos Arruda: Sim, eu me inspirava na experiência dos padres operários belgas e franceses, mas também tinha uma ligação de simpatizante com a Ação Popular, que tinha uma vertente de intelectuais que trabalhavam em fábricas para ajudar os trabalhadores a se conscientizar, a se educar. Fiquei dois anos trabalhando como operário. Foi uma experiência difícil, que me ensinou muito, principalmente a da convivência com os operários: pude saber o que era a vida de cada dia deles, a amizade, a confiança, aprendi a viver com uma cultura tão diferente da minha. Com os operários, acho que talvez eu tenha vivido um cho-

que cultural maior do que, mais tarde, como exilado no exterior do Brasil. A diferença de classe social e de escolaridade às vezes é maior que a diferença entre nacionalidades, línguas – os operários falam outra língua, têm outros hábitos, seu modo de se relacionar é outro. Você tem que se reciclar para poder se integrar. Para mim, foi uma experiência de aculturação ou, melhor, de inculturação, muito rica e muito especial.

Nesse contexto, fui preso, torturado, passei nove meses na prisão... Consegui sobreviver a esses terrores todos e virei caso da Anistia Internacional, porque minha mãe fez uma campanha no exterior e conseguiu mobilizar as igrejas católica e protestante nos Estados Unidos em torno do meu caso. A Anistia Internacional me adotou como prisioneiro de consciência e começaram a chegar muitas cartas de pressão ao governo militar perguntando porque eu estava preso. Acabaram tendo que me libertar. Ameaçado de nova prisão para esperar o julgamento do processo, iniciado somente depois que me soltaram, fui para os EUA, onde morava minha mãe, e foi lá que decidi estudar economia. Morei quatro anos em Washington e sete em Genebra, Suíça. Nos Estados Unidos, acabei o mestrado e trabalhei como pesquisador econômico. Toda a economia que estudei sempre me levou para o que eu gosto mais. Geologia Estrutural é macro, são regiões amplas, e a economia que estudei foi macroeconomia, mais do que micro. A macroeconomia que estudei me levou a ver o tema do desenvolvimento como uma

questão ampla e abrangente, que combinava com minha visão política de que era o Estado que tínhamos de conquistar e que era dele que deviam vir todas as soluções. Ao longo do meu trabalho de economista e de educador, vim a descobrir um outro caminho. Entre 1975 e 1978, trabalhei com

A macroeconomia que estudei me levou a ver o tema do desenvolvimento como uma questão ampla e abrangente, que combinava com minha visão política de que era o Estado que tínhamos de conquistar e que era dele que deviam vir todas as soluções.

Paulo Freire e equipe no Instituto de Ação Cultural (IDAC), e fomos assessores do governo da Guiné Bissau e do Cabo Verde na construção de programas de educação de jovens e adultos. Não uma educação abstrata ou mecânica, aquela de o “Ivo viu a uva”, “O rato roeu a roupa de Rita”. Estávamos trabalhando a realidade da Guiné Bissau, construindo materiais didáticos a partir daquela realidade, definindo as *palavras geradoras* a partir da pesquisa da realidade dos diversos setores da população. Tudo isso em ligação com o tema do desenvolvimento do país, da sociedade e da cidadania. O objetivo maior era construir uma população sujeito do seu próprio desenvolvimento. A grande chave para mim começou ali, naquele trabalho com Paulo Freire.

A&D: Das pessoas com que você fez contato nos Estados Uni-

dos, alguma lhe marcou particularmente?

Marcos Arruda: Nos Estados Unidos, me marcaram alguns companheiros, alguns professores americanos: Brady Tyson, que me despertou o interesse pelo estudo da economia e me ajudou a entrar para a *American University*; um iugoslavo chamado Branko Horvat, com quem estudei a experiência iugoslava de cooperativismo, mas também Celso Furtado, que foi meu professor em Washington, James Weaver, e pessoas como Robin Hahnel e Howard Wachtel, que desde aquele tempo escreviam e tinham um envolvimento social. Também estudei Otávio Ianni nessa época.

A&D: Você era da linha cepalina...

Marcos Arruda: De certo modo. O Raul Prebisch é uma grande herança, um dos grandes economistas latino-americanos, mas eu tinha uma visão bem crítica porque vinha de uma militância social e política muito ativa. Estudava economia já com uma postura crítica e foi preciso eu ir trabalhar na Nicarágua para viver uma transformação profunda de visão, de sentimento e de prática. Essa viagem foi realizada em 1979, ou seja, no período em que atuei no Conselho Mundial de Igrejas, 1979/1982. Assim, quatro meses depois do triunfo sandinista, eu estava na Nicarágua, pesquisando os impactos das empresas transnacionais sobre as diferentes regiões do mundo. Meu principal contato era o Pe. Xabier Gorostiaga, coordenador do Ministério do Planejamento e nego-

ciador da dívida externa nicaragüense, de quem me tornei amigo para toda a vida. Quando soube que eu trabalhara com Paulo Freire, me apresentou ao Pe. Fernando Cardenal, então responsável pela organização da Cruzada Nacional de Alfabetização, o qual me convidou a participar de uma reunião estratégica, em que se discutiriam idéias para a campanha de alfabetização à luz das experiências cubana e guineense. Depois ele mesmo convidou-me a assessorar o Ministério da Educação, na construção do programa de educação de jovens e adultos. Na época, a influência da experiência cubana era grande, muito marcada pela escolarização dos jovens e adultos. A idéia que eles tinham é de que era preciso alfabetizar jovens e adultos para que esses entrassem imediatamente no sistema escolar, passando a estudar com as crianças e adolescentes e, pouco a pouco, fossem subindo na escala da escola. Nossa experiência era oposta a essa. Nossa proposta partia da pergunta sobre quem é o analfabeto concreto, e não o abstrato. O concreto são trabalhadores, homens e mulheres que são, primeiro, trabalhadores, só podendo dedicar às aulas um tempo marginal, pois sua primeira preocupação é sobreviver, manter a família, manter os filhos. Então, qual é a chave para uma educação deles e delas? O seu trabalho. Temos que tomar o trabalho deles como referência primeira da educação, adequando-a ao ritmo e ao conteúdo desse trabalho, que é a primeira atividade. Isso significa que temos que criar um

sistema paralelo ao sistema escolar, com uma cronologia específica, adequada à realidade de cada setor de trabalhadores do país, em conformidade com o que eles fazem, em termos de calendário, conteúdo e método de estudo. Quem trabalha na agricultura de sobrevivência trabalha de

Temos que criar um sistema paralelo ao sistema escolar, com uma cronologia específica, adequada à realidade de cada setor de trabalhadores do país, em conformidade com o que eles fazem, em termos de calendário, conteúdo e método de estudo.

modo diferente de quem está na agricultura de exportação, na pecuária, ou no meio urbano em seus diversos setores.

A&D: Nesse período, sua concepção de desenvolvimento econômico era muito vinculada à atuação do Estado?

Marcos Arruda: Sim. Eu já tinha começado a mudar quando estava na África e minha transformação se acelerou muito na Nicarágua. Nesse período eu não estava mais com a equipe do IDAC, estava sozinho e com um desafio muito mais próximo da minha cultura, pois somos do mesmo continente. Os africanos têm uma outra cultura, não é a mesma coisa que a América Latina. Havia uma intimidade na realidade nicaragüense que eu sentia em mim, que significava um desafio muito profundo. Foi na Nicarágua que

descobri, ao trabalhar com a educação de jovens e adultos, a experiência do que eles chamavam de “setor de propriedade social”, que se desenvolvia de modo paralelo às esferas estatal e privada e em interação com as mesmas. Nesse setor de propriedade social estavam as cooperativas, as associações de trabalhadores, o tema da autogestão... Foi a partir daí que começou a minha preocupação em ligar essas duas coisas. Eu dizia, já na época, que a educação não tem um fim em si própria, mas que seu objetivo é ajudar as pessoas a se tornarem sujeito do seu próprio desenvolvimento, pessoal e coletivo. Tudo o mais, instrumentação, profissionalização, é meio. O principal é aprender a viver, é aprender a ser dono de si próprio, do seu caminho e da sua caminhada, como pessoa e como coletividade. Passei a ver o desenvolvimento como o desafio de fazer desabrocharem os potenciais de cada pessoa, comunidade e nação. Isso, para mim, passou a ser um outro projeto político. Não se tratava mais de partir do Estado para todas as soluções, tratava-se de construir sujeitos individuais e sociais que, pouco a pouco, iam ganhando consciência de si e de seu entorno, até se tornarem cidadãos ativos para defender seus interesses e transformar sua realidade. Sem isso, qualquer Estado, por mais popular que se declare, vai ser um Estado autoritário.

A&D: Qual a influência de Paulo Freire na sua trajetória?

Marcos Arruda: Fui muito marcado pelo meu trabalho e

convivência com ele, pela nossa amizade, que, na verdade, incluía toda sua família: Elza, sua querida esposa, Fátima, Cristina, Madá, Lute e Joaquim. Tenho uma imensa dívida de gratidão para com ele e Elza. Paulo Freire é uma das pessoas que me marcaram não só como autor, mas como companheiro de trabalho, de vivências em comum. Passei a incorporar toda essa aprendizagem ao meu trabalho de economista. Comecei a trabalhar a questão da educação dos jovens e adultos trabalhadores como sujeitos da economia. Não era mais um projeto só político, era político e econômico. Era preciso que os trabalhadores se tornassem donos e gestores dos empreendimentos em que trabalham. No capitalismo eles só poderiam ser donos se tivessem dinheiro, capital. No pós-capitalismo eles são donos pelo trabalho que realizam. O valor do trabalho é que deve ser o centro organizador da economia e não o capital.

A&D: Nessa concepção você se aproxima de José Luis Coraggio.

Marcos Arruda: Conheci Coraggio e a mulher dele, Rosa María Torres, em 1985, na Nicarágua. Ficamos muito amigos, na época, porque ele também era economista e discutíamos muito sobre a economia do desenvolvimento da Nicarágua. A mulher dele era educadora e eu tinha uma relação muito próxima com os dois. Mas Coraggio era um companheiro, não li muita coisa dele na época, éramos colegas. Ele escreveu um ótimo livro sobre economias em transição, refletindo sobre muitos caminhos, mas acredito que isso

aconteceu depois. Não foram autores econômicos que me deram essa percepção, foi minha práxis de economista e educador, mais o estudo do cooperativismo... Acho que o Coraggio já escreve há mais tempo que eu sobre essa temática, a partir dos seus estudos sobre a economia popular. Agora, minha

Minha idéia da socioeconomia solidária, do cooperativismo, de um projeto de globalização cooperativa e solidária eu construí a partir de uma infinidade de leituras, inclusive históricas, mas também refletindo sobre as próprias experiências que eu estava vivendo.

idéia da socioeconomia solidária, do cooperativismo, de um projeto de globalização cooperativa e solidária, na verdade, eu construí a partir de uma infinidade de leituras, inclusive históricas, mas também refletindo sobre as próprias experiências que eu estava vivendo. Foi na aproximação com o cooperativismo no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, na Espanha, com algumas assessorias a movimentos cooperativos aqui no Brasil...

A&D: Fale-nos de como foi sua volta para o Brasil.

Marcos Arruda: Eu voltei para o Brasil em 1982 e continuei assessorando a Nicarágua até 1989. Desde 1979 estava empenhado em criar o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) junto com o Betinho e

Carlos Afonso. Trabalhei quatro anos no IBASE, mas tivemos alguns desacordos, principalmente sobre os objetivos do nosso trabalho. A idéia deles era de um Instituto que produzisse apenas informação para a base social, o que, a meu ver, era insuficiente. Eu, que trabalhara como operário, era solicitado continuamente para atuar na *formação* do trabalhador. Com essa formação pretendia-se que os trabalhadores se tornassem capazes de selecionar e interpretar informações, pesquisar sua realidade e que, a partir disso e da compreensão crítica resultante, soubessem traçar seus próprios planos de ação transformadora.

A&D: Você escrevia sobre esses temas?

Marcos Arruda: Escrevia bastante. Tenho um *curriculum vitae* com 80 páginas de atividades e publicações, muitas delas no Brasil, mas também no exterior. E tenho um livro pronto, em castelhano, com meus escritos sobre educação de jovens e adultos na Nicarágua, que ia sair pelo Instituto Nicaragüense de Pesquisas Econômicas e Sociais (INIES), mas acabou não sendo publicado. Vários artigos meus foram publicados, no Brasil, pela Revista de Cultura Vozes, outros, pelo IBASE, e outros ainda pelo Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS). No IBASE, comecei uma experiência maravilhosa, que transferi mais tarde para o PACS. Foi um trabalho no Vale do Aço de Minas Gerais, centrado principalmente em Ipatinga, onde está situada a Usiminas, na época uma

estatal tão ditatorial quanto o regime militar então vigente. Juntamente com agentes de pastoral e sindicalistas da região, realizei ali um seminário, em 1984, ao fim do qual o pessoal da Usiminas, que se opunha à direção sindical pelega da empresa, veio me convidar para um outro seminário. O objetivo deles era buscar resposta para a dúvida seguinte: “Se lançarmos uma chapa para concorrer às eleições sindicais e perdermos, a Usiminas vai nos demitir e vamos passar anos para construir outro grupo de oposição dentro da empresa. Desse modo, seria o caso de concorrermos na próxima eleição?”. Estávamos em 1984 – Figueiredo, ditadura, Delfim Neto e companhia. Expliquei-lhes que, talvez, a melhor pessoa para ajudá-los fosse um sindicalista, lembrando que havia vários educadores sindicais ótimos, ao que argumentaram que não era pelo conhecimento do sindicalismo que estavam me chamando, mas pela metodologia. Afinal concordei, começando aí uma colaboração de anos... Fiz um novo seminário com eles, que evoluiu até o momento em que disseram estar prontos para tomar a decisão e, nesse momento, achei que era tempo de eu ir embora. Não concordaram, apesar de eu lembrar que tinham me chamado para ajudá-los a tomar aquela decisão, para a qual já estavam prontos, afirmando que queriam que eu permanecesse: “você é um companheiro, lutador e educador”. Assim, propus que a discutíssemos, antes de acabar o seminário, o papel de liderança de um educador, uma vez que esse papel era o mesmo que eles iam

fazer, já faziam, como educadores das suas bases sindicais. Fomos destrinchando o assunto e, no final, eles disseram: “está certo Marcos, já que você não vai ser responsável conosco pela tomada dessa decisão, deve mesmo ir embora”. Só 15 dias depois é que me telefonaram para dizer que haviam decidido correr o risco de concorrer e que já tinham feito a inscrição da chapa, já me chamando para fazer outro seminário, no caso, de planejamento da campanha. Bom, nessa altura quase conseguimos ganhar a eleição sindical em Ipatinga, mas a empresa e a ditadura Figueiredo fizeram tais manobras e intimidações que acabamos perdendo no segundo turno. Fizemos novos seminários e surgiu um grande movimento político dos operários: eles conseguiram eleger Chico Ferramenta – que fora candidato da chapa Ferramenta à presidência do sindicato – deputado estadual e, depois, federal. Em 1988, ganhamos a prefeitura de Ipatinga e de Timóteo. Temos governado Ipatinga desde aquela época até hoje e estamos no segundo mandato em Timóteo. E Ivo José, um dos mais ativos membros da Pastoral Operária e do Grupo Ferramenta, está completando seu terceiro mandato como deputado estadual. Hoje, o Vale do Aço é uma região de fermentação social importante, uma espécie de grande árvore nascida das sementes plantadas com esse pequeno trabalho de educação econômico-política com aqueles dirigentes sindicais. Eles estão no poder e levam à prática aquelas posições que discutíamos, o conceito de liderança que trabalha-

mos, liderança como catalisador, serviço e co-responsabilidade.

A&D: Vem daí seu vínculo com o PT?

Marcos Arruda: Participei das primeiras discussões para a criação do PT, ainda no exílio, em 1979. Sou economista e educador do PT. Mas todas essas atividades que relatei foram realizadas no âmbito do PACS, uma instituição aberta para trabalhar com qualquer prefeitura que tenha uma proposta democrática participativa. Foi no PACS que comecei a trabalhar a vertente do cooperativismo aqui no Brasil, principalmente agora, nos anos 90, colaborando para desenvolver o Fórum do Cooperativismo Popular no Rio de Janeiro. Para aí levei a experiência da Nicarágua, onde o trabalho sobre o desenvolvimento local comunitário era atravessado pela tentativa de construir formas coletivas de propriedade e gestão, sobretudo de construir uma educação a serviço do aprendizado de se tornar sujeito dessa gestão. Houve também a experiência na Espanha, onde companheiros como Enrique del Río, Joan Lluís Jornet e outros me instruíram tanto a respeito da práxis cooperativa nos territórios espanhol e catalão.

A&D: Há uma corrente que identifica a economia solidária como uma vertente mais européia e a economia popular como sendo uma experiência mais desenvolvida na América Latina, com particularidades. O que acha disso?

Marcos Arruda: A primeira coisa a dizer é que nós queremos

convidar todas as tendências a se juntarem, a convergirem no mesmo esforço de construção. O que importa é que haja essa convergência em termos de princípios, de objetivos, do modo de colaborar, respeitando-se ao máximo a diversidade de cada caminhada. Ao mesmo tempo, os nomes são importantes. Eu, por exemplo, não gosto da nomenclatura usada pelos gaúchos – economia popular solidária – porque dá a impressão de que é uma proposta, um projeto de economia que é muito bom para o povo ou apenas para os setores pobres da sociedade. Para nós, o projeto de economia solidária é um projeto global, para toda a sociedade. A idéia é de uma globalização solidária, uma economia globalizada solidária, envolvendo todos os setores da população, não só os pobres. Essa é a primeira observação. A segunda, é que ninguém está preocupado em ser proprietário de termos, em saber se foi o Orlando Nuñez, o Laville ou o Singer quem falou de economia solidária... Nós todos estamos bebendo de fontes muito anteriores a nós. Os grandes criadores dessas vias de autonomização do mundo do trabalho vêm do século XIX. Aí encontram-se socialistas, passam por Marx, Gramsci, Landauer, Buber, Ventosa y Roig e outros, desembocando, na atualidade, em gente maravilhosa que estamos encontrando aqui no Fórum Social Mundial (FSM), na Conferência e Seminário sobre Economia Solidária. Acho que é uma doença do Ocidente querer se apropriar individualmente das idéias, dos termos e dos conceitos e querer colocar lá sua marca

de criador. Para mim, isso é uma coisa ingênua e também arrogante. O que importa são as transformações da realidade, aquilo que a palavra consegue operar na consciência de cada um e que gera transformações concretas nas vidas das pessoas. Então, por esse lado, não gosto de discutir os

Nós queremos convidar todas as tendências a se juntarem, a convergirem no mesmo esforço de construção. O que importa é que haja essa convergência em termos de princípios, de objetivos, do modo de colaborar, respeitando-se ao máximo a diversidade de cada caminhada.

termos, discuto-os pelo sentido que têm e esse sentido é importante. A minha opção tem sido por “socioeconomia solidária” e a razão é a seguinte: assim como temos que falar em democracia participativa para indicar a democracia que não é a burguesa, também temos que falar em socioeconomia para identificar uma economia que tem por objetivo o bem-viver e o desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade e, portanto, não é capitalista. É para casar, na nossa mente, a economia com o social, com o político, para indicar que tudo está unificado na vida concreta da sociedade, para sublinhar que é uma aberração ouvir o General Médici voltar do Nordeste muito chocado e dizer publicamente: “a economia do Brasil vai muito bem, a vida do povo é que vai mal”.

A&D: Você acha que as pessoas que estão trabalhando com a idéia de economia solidária estão testemunhando na sua prática, na sua forma de viver, de se relacionar, esses valores que são intrínsecos da economia solidária?

Marcos Arruda: A resposta não pode ser sim ou não para todos nós, mas nuançada, uns mais outros menos. Você tocou no ponto central. O que propomos não é só uma transformação objetiva, das instituições e mesmo dos modos de relação de produção e reprodução na sociedade. Envolve também uma transformação individual, dos valores, atitudes, comportamentos, do modo de relação entre nós. É uma revolução intelectual, moral, espiritual de cada um de nós e essa é uma luta de cada dia, porque o grande peso é a velha cultura, são os velhos valores que estão presentes na nossa existência. Eles atuam, dia a dia, na nossa relação conosco mesmos, com os filhos, com a companheira, com os companheiros de trabalho – aí nosso ego aparece dando gritos para ser reconhecido e cultuado. Mesmo quando estamos fazendo o discurso da coletividade, da solidariedade, muitas vezes é o nosso ego que quer aparecer. Quando um atropela a fala do outro para falar de solidariedade, mostrando desrespeito pela idéia e pela palavra do outro, está fazendo o oposto do que diz. Então, a nossa idéia é que, na educação para que cada um se torne sujeito, trabalhe muito essa noção da transformação pessoal e da luta – luta nos campos cultural, moral e mesmo espiritual para sermos

humilde, para percebermos que assim como nós somos *um* centro do mundo, *cada outra pessoa* é também um centro do mundo e tem que ser respeitada como tal. Se a realidade é uma infinidade de centros do mundo, diversos uns dos outros e convivendo no mesmo planeta, a melhor maneira é se integrar, fazer acordos e criar regras de boa convivência, de colaboração solidária, dando as mãos e procurando um caminho em comum.

A&D: Marcos, você é uma pessoa-chave para falar deste tema. É um dos que lideram um evento de importância internacional, o Seminário sobre Economia Solidária do Fórum Social Mundial e, naturalmente, é muito solicitado. Como consegue exercer essa função e ao mesmo tempo estar atento, aberto, disponível, humilde, solidário...

Marcos Arruda: Não sei dizer... me trabalhando a cada dia, procurando não me tomar tão a sério assim, procurando avaliar, a cada dia, em que não estou sendo coerente com os meus valores, me abrindo para as críticas dos outros, procurando ouvir, mesmo quando discordo, me perguntando por que eu teria dado razão a essa crítica, aprendendo a pedir desculpas quando erro, dizendo para todos, inclusive no meu trabalho: “Não pensem que, porque sou coordenador do nosso instituto, sou infalível – me critiquem e me ajudem a melhorar, não guardem mal estar, sejam francos, transparentes, porque eu só posso mudar se souber o que está incomodando vocês. Para isso é

preciso que falem e, quando eu resistir, não é porque não quero ouvir críticas, é porque tenho razões para ter agido daquele jeito. Podem ser que sejam falsas razões e é aí que vocês têm que me responder – ‘olha, isso não é correto’. Não tomem como se eu quisesse agredir vocês, quando

**Se a realidade é uma
infinidade de centros do
mundo, diversos uns dos
outros e convivendo no
mesmo planeta, a melhor
maneira é se integrar, fazer
acordos e criar regras de
boa convivência, de
colaboração solidária,
dando as mãos
e procurando um
caminho em comum.**

parecer que foi agressão, venham me dizer e vou explicar o porquê e se tiver feito mal, vou pedir desculpas”. É assim no dia-dia. Isso tem a ver com a espiritualidade. Quer dizer, para mim o sentido da vida é uma escolha permanente entre o ser humano agressivo, competitivo, que está instintivamente dentro de nós e o potencial de ser humano cooperativo, convivial, amoroso que também está em nós. Entre os dois, temos que escolher, a cada momento, em cada relação, e essa escolha é a escolha entre o amor e o desamor. Nós todos estamos nessa luta, até na hora de morrer estaremos nessa luta. Para mim, o sentido da nossa vida é escolher o amor e é viver de acordo com essa escolha a cada momento. É claro que somos cheios de defeitos... então, tenho que sair tentan-

do me corrigir a cada dia, aprendendo a ser melhor a cada dia.

A&D: Aproveitando sua fala, como você vê este momento do mundo em que o neoliberalismo é vitorioso e, ao mesmo tempo, é contestado? Está se construindo uma nova opção, fazendo-se uma nova proposta que podem estar ligadas a essas discussões espirituais de nova era, de novo momento, de uma era mais inspirada na solidariedade que na competição...

Marcos Arruda: As “viagens” do pessoal alternativo, espiritualista, às vezes vão pelo caminho errado. Mas isso não impede que a origem da preocupação seja muito positiva. É a busca de um sentido para além do imediato e, mesmo, desta vida transitória. Nós somos seres imanentes e transcendentais ao mesmo tempo, então há uma sede, uma busca de algo mais além. Ninguém se satisfaz com a idéia de morrer e acabar tudo – mesmo uma pessoa materialista, se ela está fazendo bem a alguém é porque acredita em alguma coisa a mais do que no seu próprio interesse no aqui e agora. Então, acho que esta onda de esperança no novo século, numa nova consciência, numa nova transformação, num ponto de mutação que leve a humanidade a uma nova etapa, não é uma coisa abstrata, mas tem o potencial de transformar o concreto, porque chama de volta o ser humano, chama-o a se ligar com aquilo que o fez se tornar a principal espécie animal no planeta Terra: a comunicação, a cooperação, o apoio mútuo na caminhada.

da evolutiva. Sou geólogo, estudei biologia, antropologia, evolução e tudo o mais e terminei escrevendo uma tese de doutorado com um forte componente evolutivo e sistêmico. Uma idéia maravilhosa que os pesquisadores têm desenvolvido é essa: a tendência, os instintos agressivos não teriam dado conta de fazer um ser humano chegar ao que ele é hoje. Foi essencialmente a cooperação que o fez evoluir, e alguns biólogos e médicos chegam a ponto de identificar isso como tendência evolutiva... Há vários autores que tratam dessa questão: Humberto Maturana, Francisco Varela, chilenos; Teilhard de Chardin, geólogo e teólogo francês, exilado na China durante anos; e orientais, como o militante, historiador e místico indiano Sri Aurobindo. São pessoas que afirmam a noção de que a nossa tendência à convergência, à comunicação, à comunhão, à amorosidade é uma lei da própria natureza e não somente um postulado ético ou moral. É algo como um impulso que nos leva para adiante, ao qual podemos aderir ou trair, porque uma condição para esse processo de convergência se realizar é a liberdade. A liberdade vem de uma consciência autônoma – de indivíduo, mas também de coletividade e espécie – que ganha conhecimento de uma realidade em que pode escolher. Então, esse é o grande mistério. E quando se fala da relação com o divino, com qualquer conceito de divino que se tenha, todas as fés se maravilham com esse paradoxo. O ser absoluto aceita se relativizar, criando seres ou, digamos assim,

fazendo-se acompanhar por seres que têm uma capacidade e liberdade de escolha que lhes permite inclusive se separar dele ou dela própria (ser absoluto) por um simples ato de vontade. É na escolha voluntária de adesão ao altruísmo, à convergência e ao pleno acolhimento do outro que se

É na escolha voluntária de adesão ao altruísmo, à convergência e ao pleno acolhimento do outro que se realiza o amor.

Então, essa busca de transcendência não tem nada de apenas abstrato, ela deve se converter no nosso modo de vida nessa vida terrena.

realiza o amor. Então, essa busca de transcendência não tem nada de apenas abstrato, ela deve se converter no nosso modo de vida nessa vida terrena. É aqui e agora que temos que vivenciar essa busca e ela está desafiando o nosso dia-dia – para mim não há divino lá fora, lá em cima, o divino está aqui dentro de cada um de nós e de todo o universo. É ele que anima – esta é uma palavra latina muito rica, *ANIMA*: aquele que dá vida, dá alma, dá vivência, dá consciência. É uma chama interior, inerente, imanente a nós, não exterior. Então, se é interior, eu estou intimamente ligado, o desafio está dentro de mim, não está fora, não são regras que vêm de fora que me devem fazer desistir e me levar a andar num caminho e não em outro. É um movimento interior meu – mas para isso tenho que

me conhecer, tenho que mergulhar no fundo de mim e me perguntar quem sou, quem estou sendo, que potenciais a Vida me deu, potenciais que me cabe desenvolver ao longo da minha vida. Se eu descobrir que sou uma diversidade, que sou contradição, tenho a possibilidade de escolher dos vários eus aquele que realmente pode me realizar mais. Este é o paradoxo do eu mesmo (*self*), o ser ao mesmo tempo eu-relação – o eu-e-tu e o eu-e-nós. E é isso que me leva a reconhecer o amor como o sentido do nosso viver, é o que dá à idéia do amor o caráter de lei natural. Se descobrimos que neste dar ao outro, na amorosidade, na convivialidade, estamos realizando a evolução, isso significa também que estamos indo adiante, elevando a consciência humana a níveis sempre. Há, assim, uma convergência para o que todos já sabemos: maior felicidade, afeto, comunicação, em vez de brigas, guerra, agressividade, ódio. O desafio para mim, como economista, é criar uma economia amorosa, uma economia para este ser humano amoroso, uma economia para que cada ato de troca seja muito mais do que um ato material de trocar objetos. É uma relação humana que carrega trabalho, energia, que tem, pois, uma dimensão invisível tão real e dinâmica quanto a visível. É uma relação energética em que eu dou e recebo ao mesmo tempo. Tenho que querer bem a quem me deu, e isso vai motivar o outro a me querer bem igualmente, ainda que não seja essa a razão do meu dar. Quando cada um está preocupa-

do com o outro todo mundo ganha com isso. Esta é a idéia do cooperativismo, da associativismo, da Economia Solidária.

A&D: Eu queria que você fizesse uma relação ideológica e material dessa experiência de vida do Marcos Arruda que viveu os anos 60, cujo ideário era um socialismo implantado pela tomada do poder, e este Marcos Arruda de hoje, que aposta na idéia da economia solidária.

Marcos Arruda: A grande mudança foi passar a ter uma nova concepção acerca do sujeito da história. Aquela idéia do sujeito,

das massas de trabalhadores, mudou para mim. Não se trata de “massas trabalhadoras”, sujeito impessoal. Nós queremos construir um sujeito e este sujeito é, ao mesmo tempo, subjetividade, objetividade e sensibilidade, individualidade, comunalidade e sociabilidade, então é a combinação de tudo isso. Desse modo, o eixo sai de uma coletividade sem cara e vai para cada pessoa, cada indivíduo, mas não o indivíduo abstrato, isolado na sua totalidade, mas um indivíduo-totalidade e, ao mesmo tempo, parte de totalidades maiores. Portanto, responsável por ser sujeito e por respeitar

o ser sujeito de cada outro e por formar alianças, coalizões de sujeitos, coalizões subjetivas, que se tornam novos sujeitos, sujeitos coletivos. Assim, acabei percebendo que o projeto político vai muito além do que eu percebia naquela época: é um projeto de “empoderamento” de cada ser humano e coletividade humana para o amor. Hoje as polarizações são muito grandes. Eu aprendi a dialética assim, quebrando os dogmas, quebrando as visões, uni ou bidimensionais, descobrindo que a questão não é “ser ou não ser”, mas sim “ser e não ser ao mesmo tempo”.